



A dimensão sonora das migrações e os desafios à imaginação política

Daniel Stringini

UNIRIO/PPGM

Doutorado

Etnografia das Práticas Musicais

daniel.stringini@gmail.com

Resumo: A partir de trabalho etnográfico no campo da etnomusicologia, sugiro que os fluxos migratórios contemporâneos, tomados aqui através dos músicos, seus percursos e sonoridades, impõem questões às cidades, aos territórios, às cenas musicais, às instituições e às “paisagens sonoras” dos locais de destino. Tendo nos últimos anos acompanhado as produções e mobilizações de músicos haitianos no Brasil, aproximadamente, aqui, estas experiências etnográficas ao modo como o teórico Sandro Mezzadra aborda as migrações contemporâneas especificamente com relação a quanto os processos migratórios desafiarão os limites da nossa imaginação política.

Palavras-chave: Etnomusicologia; Migrações contemporâneas; Músicos haitianos; Imaginação política.

Dimension of Migration and the Challenges to the Political Imagination

Abstract: Based on my ethnographic work in ethnomusicology I suggest that contemporary migratory flows, taken here through musicians, their displacements and sounds, raise questions for local cities, territories, musical scenes, institutions, and “soundscapes”. Having followed the productions and mobilizations of Haitian musicians in Brazil in recent years, I bring these ethnographic experiences closer to the way in which the theorist Sandro Mezzadra has approached contemporary migrations and how migration processes would challenge the limits of our political imagination.

Keywords: Ethnomusicology; Contemporary Migrations, Haitian Musicians, Political Imagination.

1 Introdução

As questões que apresentarei partem de meu trabalho etnográfico e de colaborações com músicos haitianos que nas últimas décadas tem vivido na região Sul do Brasil. Tais questões se constituem como aspectos fundamentais para a tese que tenho construído no campo da etnomusicologia. Nos últimos anos tenho atuado como músico, produtor, mediador e pesquisador neste campo de pesquisa em torno da temática “música e migração”. Através de minhas experiências em uma cidade do Sul do Brasil, Chapecó (SC), as questões que constituem minha tese, de modo mais amplo, se referem a pensarmos a dimensão da cidade (REYES,

2019), a constituição e reconstituição de territórios e fronteiras, e as produções sônicas em um sentido que excede a dimensão musical (CUSICK, 2006; GOODMAN, 2010).

De forma mais ampla, uma das preocupações de meu trabalho vem sendo etnografar as relações (“mundos musicais locais” / “mundos musicais migrantes”) estabelecidas nesta cidade que tem sido reivindicada enquanto “cidade migrante” pelos grupos que nela tem vivido nas últimas décadas. Diante deste panorama, focalizarei, aqui, um aspecto que permeia esta problemática mais geral e que se refere àquilo que as comunidades migrantes produzem, questionam e impõem enquanto desafios à sociedade local. Aproximarei minha experiência ao que Sandro Mezzadra situa como “autonomia das migrações” ao abordar os fluxos migratórios nas suas relações com a composição do trabalho, capitalismo contemporâneo e subjetividade. Uma pergunta que norteará esta aproximação que proponho aqui será: diante das mobilizações, organizações e redes constituídas pelas comunidades haitianas no Brasil, em que medida e de que forma o expressivo contingente de músicos destas comunidades haitianas fricciona e provoca questões e tensionamentos às comunidades locais?

2 Contextualizando a migração haitiana no Sul

Com pouco mais de duzentos mil habitantes, Chapecó é reconhecida como uma cidade que recebe muitas pessoas de outros lugares do país, viajantes ou estabelecidos, e isso se dá pela presença expressiva de universidades, públicas e privadas, mas principalmente por ser um grande polo agroindustrial. Há um slogan na cidade que a define como cidade de oferta de trabalho. Desde 2010 Chapecó, e a região oeste do Estado como um todo, passou a ser o destino de muitos grupos migrantes. A migração haitiana é a mais expressiva, tendo sido impulsionada após o terremoto que devastou o Haiti e com suas subseqüentes crises econômicas e políticas (JOSEPH, 2015, 2017; NEIBURG, 2017). Meus interlocutores, e de um modo geral contingentes oriundos de Senegal, República Dominicana, Congo, Moçambique e Venezuela, têm ido para aquela cidade em função do grande número de empregos ofertados pelo polo agroindustrial que caracteriza a região.

A dimensão do trabalho, assim, é fundamental para que pensemos os movimentos migratórios contemporâneos e é algo que está presente de forma constante, e de diversos modos, nos meus diálogos em campo. Ensaios, shows, gravações e outras negociações que envolvem atividades musicais de meus interlocutores são frequentemente atravessados pelo tipo de trabalho e horários impostos por jornadas exaustivas. Articulados a estas atividades laborais, há uma marcante presença musical protagonizada por sujeitos e grupos migrantes que se dá, por exemplo, através de corais e bandas nas igrejas evangélicas haitianas, na criação de estúdios

caseiros, nas festas e produções culturais, na criação de bandas tradicionais e por meio dos trabalhos de produtores e *beatmakers*.

Em meus percursos urbanos junto a estes músicos, percebo suas práticas musicais produzindo territórios. Percebo estes sons cruzando ruas e bairros, atravessando a cidade ou produzindo “outras cidades” dentro dela. Neste sentido, faço um diálogo com o trabalho de Andrew Eisenberg (2015) quando ele apresenta uma *islamic soundscape*¹ a fim de pensar os marcadores sonoros, religião e comunidades minoritárias na cidade de Mombasa, Kenya. Faço esta aproximação a fim de delinear uma “paisagem sonora haitiana” (INGOLD, 2008) que estaria demarcando os fluxos migrantes ao longo desta cidade do Sul e que, por uma série de articulações (sonoras, também) a insere em uma rede diaspórica mais ampla.

Diante deste novo contexto que se impõem, é preciso considerar, ainda, que a cidade de Chapecó é também reconhecida como uma “cidade musical”, com um expressivo número de músicos, corais, orquestras, escolas de música e conservatórios, cursos de graduação em música, estúdios de gravação, intensa vida musical em bares, grupos de rock, de rap, de pagode e de músicas típicas da região, e outros. Há um movimento significativo em torno de corais italianos (corais com repertórios italianos) e que assinala um processo migratório histórico naquela região. A presença alemã, por sua vez, pode ser percebida, por exemplo, nas festas e bailes com músicas típicas, demarcando outra migração também ocorrida entre os séculos XIX e XX.

Assim, pensar a cidade em minha tese significa considerar essa rede ampla que a atravessa, histórica e sincrônica, e que compõe as vidas sociais de indivíduos e comunidades. Ao invés de situar, então, os grupos migrantes de acordo com um paradigma isolacionista (REYES, 2019), penso e ouço as ações destes grupos haitianos enquanto movimentos políticos, a partir de suas relações constituídas nestes novos territórios.

Para além da “evidência de que a mobilidade é um fenômeno antigo e estrutural no universo haitiano” (BERSANI; JOSEPH, 2017, p.9), há o reconhecimento de que os movimentos posteriores ao terremoto que atingiu o Haiti em janeiro de 2010, se estabeleceram como um novo grande fluxo migratório e que teve o Brasil, sobretudo, como um destes destinos mais expressivos (JOSEPH, 2015; 2017). Federico Neiburg (2019) apresenta os cruzamentos entre as histórias do Haiti e do Brasil, tanto recentemente em torno da controversa Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti a partir de 2004 quanto pelos passados escravagistas, as presenças de forças coloniais e imperialistas, e as diferenças “nas formas como

¹ Paisagem sonora islâmica

lidar com as desigualdades: o Haiti tendo sido o primeiro país a abolir a escravidão em 1804 e o Brasil, o último, em 1888.” (ibid., p.7).

Uma das tarefas de minha tese vem sendo considerar como essas mobilidades impactam, agora, uma cidade média no sul do Brasil. Diante disto, venho formulando quais seriam as conexões possíveis e também as distâncias com relação às questões que surgem em trabalhos produzidos em outras cidades/contextos com grupos em deslocamento como fazem, por exemplo, as etnomusicologias de Deborah Wong (2004), Ursula Hemetek (2010), Susana Sardo (2010), John Bayle (2005) e Josh Kun (2016).

Além da dimensão do trabalho, central nos fluxos globais contemporâneos (SASSEN, 2016), percebo as produções musicais/culturais acionando redes transnacionais naquela cidade do sul do país. Tomo as cidades nas suas complexidades e relações, não as recortando como comunidades isoladas (REYES, 2019) embora as comunidades haitianas, em si, sejam múltiplas e heterogêneas. Mezzadra (2012) se refere às migrações como contextos privilegiados para pensar a produção de diferença, ainda que afirme estar longe de “atribuir uma avaliação unilateralmente positiva a esta produção de diferença” (ibid., p.72) e que busca se afastar do que chama de uma leitura estetizante das migrações. Diz que “fazendo eco à feminista afro-americana Audre Lorde, ‘é no interior da nossa diferença que somos ao mesmo tempo mais potentes e mais vulneráveis’” (ibid., p.72).

3 Dimensões sônicas e imaginação política

Na metade de 2019 participei como instrumentista em show do músico *Pitit Guerline Nam*, jovem artista rapper haitiano. Eu havia feito a mediação para que ele entrasse na programação de uma feira independente que aconteceu na praça central da cidade de Chapecó, e com isso ele me convidou para acompanhá-lo como tecladista. Neste show, tocamos suas músicas, raps e konpas² cantados em crioulo haitiano, ele na voz e disparando as bases e beats em um notebook, e eu com um sintetizador. Além de suas composições, ele escolheu algumas músicas brasileiras para incluir no setlist, algumas das quais ele havia conhecido através de outro artista haitiano (Leo Kin), com quem colaboro enquanto músico e que havia recebido *Pitit Guerline Nam* no Brasil. Uma destas músicas brasileiras que compuseram a performance deste dia é uma conhecida canção radiofônica do grupo mineiro Jota Quest, intitulada O Sol. Até então eu nunca havia tocado, embora já a conhecesse bem. Desde que *Pitit Guerline* me apresentou a ideia de fazermos uma versão, algo que sempre me chamava a

² Konpa é um gênero musical e de dança tradicional e expressivo da cultura haitiana.

atenção era o quanto os versos daquela canção ganhavam outros contornos e significados na sua interpretação: “Hey dor, eu não te escuto mais / você não me leva nada / Hey medo, eu não te escuto mais / você não me leva nada / E se quiser saber prá onde eu vou / prá onde tenha sol / é prá lá que eu vou”.

O ponto onde quero chegar é que, após este show, um músico local que eu havia acabado de conhecer veio até mim comentar a performance de Pitit Guerline Nam que havia ocorrido no centro da cidade. Entre outras coisas, em um tom de desaprovação, me disse que “música Africana tudo bem, ok, mas essa música do Jota Quest não dá”. Aquele músico local, com um background da música instrumental/jazz, de alguma forma apresentava ali os entendimentos locais dos limites entre os repertórios, entre nichos e cenas musicais, e operava através de interdições e estigmatizações, imaginários de uma “música africana” e de uma “música caribenha”.

Situação semelhante percebo ocorrendo em torno das performances de uma banda de konpa haitiano, nesta mesma cidade, e que tem incorporado músicas sertanejas ao seu repertório. Percebo que o movimento destes músicos haitianos em direção a estas sonoridades afasta certo público *alternativo/universitário* que em um primeiro momento havia se interessado pela banda. Ainda assim, percebo o mesmo movimento destes grupos migrantes os colocando mais próximos de grupos locais que estão envolvidos com músicas como o rap e “funk carioca” e outros tipos de música também estigmatizadas na cidade e, como um todo, ainda no Brasil. Creio que experiências etnográficas como estas lançam questões a um “imaginário afro-caribenho” que se apresenta como silenciador de novos arranjos sonoros e políticos.

É a partir destes breves relatos etnográficos que proponho articulações iniciais ao que Sandro Mezzadra apresenta em *Multidão e migrações: a autonomia dos migrantes* (2012). Em abordagem que propõe compreender os movimentos migrantes enquanto movimentos políticos e enquanto comunidades políticas, sua tese da “autonomia das migrações” se situa como uma “perspectiva de análise das ‘políticas de mobilidade’ – que enfatiza a dimensão subjetiva no interior das lutas e enfrentamentos que constituem materialmente o terreno dessas políticas” (MEZZADRA, 2012, p.73).

Para esta comunicação, o que especialmente nos interessa é aquilo que Mezzadra aborda em *Desafiando os limites de nossa imaginação política*, última seção de *Multidão e Migrações*. Ao questionar a definição política da condição migrante, e após delinear a noção de autonomia (as migrações enquanto movimentos sociais), o autor lança a seguinte pergunta: “De que maneira podemos e deveríamos interpretar politicamente as lutas dos migrantes? Em que perspectiva essas lutas se inscrevem, aqui e agora?” (idem, p.94). A fim de apontar algumas

respostas, Mezzadra apresenta os argumentos de Jacques Rancière e Bonnie Honig através de duas referências de debates no campo teórico político. Focalizarei, aqui, as menções de Honig evidenciadas por Mezzadra:

Fazendo uma crítica bastante convincente da homologia entre a imagem “xenofílica” do estrangeiro como alguém que tem algo a oferecer, e da imagem “xenofóbica” do estrangeiro interessado em “tomar” algo da sociedade que ele ou ela escolhe para viver, Honig inverte os termos e propõe que pensemos este “tomar” como aquilo mesmo que os imigrantes têm a nos oferecer (HONIG, 2001, p. 99). Em outras palavras, as práticas pelas quais, de acordo com a autora, a cidadania dos migrantes se expressa (mesmo nas condições de exclusão radical da cidadania juridicamente codificada) são vistas como questionadoras das bases estruturantes da própria democracia. (MEZZADRA, 2012, p.95).

Interessa, aqui, pensar nas questões colocadas em jogo pelas comunidades migrantes e, mais especificamente, como a dimensão sonora se articula com essas questões impostas pelos grupos haitianos no Brasil. Ainda se referindo a Bonnie Honig, Mezzadra diz que “a referência a Rancière é explícita no trabalho de Honig, em sua concepção de política em que as reivindicações daqueles que não pertencem, “na perspectiva do regime de ‘polícia’, é que vão promover o surgimento de novos direitos, poderes e visões” (HONIG, 2001, p. 101)”. Neste ponto, a noção de “polícia” se conecta, segundo Mezzadra, ao modo como Rancière se aproxima dos trabalhos de Michel Foucault.

Tenho proposto em outros textos uma escuta que seja baseada nos movimentos migratórios haitianos nesta cidade (STRINGINI, 2021a, 2021b), uma escuta cuja perspectiva se dê a partir dos deslocamentos migrantes, a dimensão sonora com um vetor principal. É, assim, sob a perspectiva de uma escuta (ou de múltiplas escutas) que situo os modos com que som, música e suas práticas nos sugerem formas de presença na cidade, presenças sonoras que produzem problematizações.

As breves experiências etnográficas mencionadas aqui são marcadores disto, mas ainda podemos pensar junto com as festas haitianas que reverberam ao longo dos bairros; das bandas e corais das igrejas evangélicas cujas sonoridades cruzam determinada avenida principal aos finais de semana; da presença de músicos haitianos em estúdios locais, em escolas de música, universidades; e das produções audiovisuais em que figuram espaços dessa cidade. É diante deste contexto, da perspectiva de “comunidades políticas”, e através de modos de escuta (QUINTERO RIVERA, 2021) que coloco em relevo a dimensão sonora naquilo que tenho percebido como produções de novas situações e questionamentos em um contexto de uma

migração negra em uma cidade majoritariamente branca. Por dimensão sonora destes fluxos migratórios me refiro aos variados modos de se relacionar com som e música, seja tocando, produzindo beats, compondo, ensaiando, ouvindo, dançando, organizando festas e shows, montando estúdios caseiros, criando programa de rádio, ensinando música, etc.

Mezzadra afirma que a imagem proposta pela noção de uma “comunidade política” é algo que desafia nossa imaginação política (MEZZADRA, 2012, p.95), e nessa direção, tenho encontrado pontos de contato (disto que apresento preliminarmente aqui) também com Chalcraft, Segarra e Hikiji (2017, p.309) quando abordam a performance de artistas e músicos congolezes na cidade de São Paulo. Pois ao se referirem à performance proposta pelo artista multidisciplinar Shambuyi e pelo músico Yannick, os autores e autora dizem que aqueles artistas vivendo agora no Brasil “continuam a desafiar nossa compreensão da cidade e de sua experiência imigrante”.

4 Considerações finais

Minhas interlocuções com as comunidades, músicos e artistas haitianos, e minha leitura de referências que tem pensado os fluxos migratórios contemporâneos, são impactadas, também, pelas lutas migrantes que constituem estes deslocamentos. As recentes aprovações de leis que permitem que migrantes haitianos atuem em cargos públicos no estado de Santa Catarina, a criação de um programa de ingresso especial para haitianos na Universidade Federal da Fronteira Sul³, a abertura para migrantes em editais culturais durante a atual pandemia, a criação de associações, programas de rádios e WebTVs, por exemplo, são colocadas, tanto por meus interlocutores quanto por teóricos haitianos em atuação no Brasil como efeitos de mobilizações e lutas. Assim, seguindo as pistas migrantes “autonomistas”, tenho sugerido considerarmos o papel das práticas sonoro musicais na conformação de territórios e redes, e o quanto estes processos (sônicos) nos permitem lê-los como reveladores dos limites e regulações da sociedade de destino. Busco colocar em evidência o quanto o sonoro é também agente nestes novos alinhamentos e reordenações na cartografia de uma cidade migrante. Realinhamentos estes que se dão não sem conflitos, racismos e xenofobias.

É recorrente e histórica a imagem estigmatizante que sociedades receptoras tem sobre a figura do migrante, e nesta cidade de onde parte meu campo etnográfico este discurso é reafirmado, pois há um lugar estabelecido para o migrante enquanto mão de obra explorada. Diante desses lugares impostos, ao acompanhar as pistas que músicos migrantes nos têm dado,

³ Em 2014 iniciou um sistema de ingresso especial para alunos haitianos (Pro-Haiti) na Universidade Federal da Fronteira Sul, campus localizado na cidade de Chapecó.

procuro demarcar suas mobilizações e reelaborações destes limites. Tocar, pesquisar, produzir e colaborar com estes músicos tem me feito considerar a circulação deles e de suas músicas ao longo das linhas dessa cidade e me chamado atenção para a composição de diálogos deles com indivíduos, instituições e repertórios sônicos locais que desafiam a imposição de determinados lugares.

Referências:

- BAILY, John. So near, so far. Kabul's music in exile. *Ethnomusicology Forum*, v.14, n.2, 2005, p.213-233.
- BERSANI, Ana Elisa; JOSEPH, Anderson. Apresentação: o Brasil e a diáspora haitiana. Em: BERSANI, Ana Elisa; JOSEPH, Handerson (org.). *Dinâmicas migratórias haitianas no Brasil: desafios e contribuições*. Temáticas: Revista dos pós graduandos em Ciências Sociais. IFCH/UNICAMP, n.49/50, 2017, pp.9-16.
- CHARLCRAFT, Jasper; SEGARRA, Jose Juan; HIKIJI, Rose Satiko Gitirana. Bagagem desfeita: A experiência da imigração por artistas congolezes. *Gis-Gesto, Imagem e Som. Revista de Antropologia*, São Paulo, v.2, n.1, p.305-312, 2017. Disponível em <https://doi.org/10.11606/issn.2525-3123.gis.2017.129448> Acesso em 20 de mar. De 2021.
- CUSICK, Suzanne. Music as torture/Music as weapon. *Transcultural Music Review* 10, 2006. Disponível em: www.sibetrans.com/trans/trans10/cusick.htm Acesso em 10 de mar. de 2021.
- EISENBER, Andrew. Space. Em NOVAK, David; SAKAKEENY, Matt (eds.). *Keywords in sound*. Duke University Press, USA, 2015, p.193-208.
- GOODMAN, Steve. *Sonic Warfare: Sound, Affect, and the Ecology of Fear*. Cambridge: The MIT Press, 2010.
- HEMETEK, Ursula. Mundos musicais inesperados de Viena: imigração e música. Em: CÔRTE-REAL, Maria de São José (org.), *Revista Migrações – Número Temático Música e Migração*, Lisboa, n.7, out. 2010, p.119-146.
- INGOLD, Tim. Against Soundscape. In: CARLYLE, Angus (ed.), *Autumn Leaves: Sound and the Environment in Artistic Practice*. Paris: Double Entendre, 2008, p.10-13.
- JOSEPH, Handerson. Diáspora: Sentidos sociais e mobilidades haitianas. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 21, n. 43, p. 51-78, jan./jun. 2015. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ha/i/2015.v21n43/> Acesso em 15 de mar. De 2021.
- JOSEPH, Handerson. Diáspora. NEIBURG, Federico (Org). *Conversas etnográficas haitianas*. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens Edições, 2017, pp.190-215.
- KUN, Josh. The aesthetics of allá: listening like a sonidero. Em: RADANO, Ronald; OLANIYAN, Tejumola (org.). *Audible Impire: music, global politics, critique*. Duke University Press, Durham, London, 2016, p.95-116.
- MEZZADRA, Sandro. Multidão e migrações: a autonomia dos migrantes. *ECO-PÓS*, UFRJ, v.15, n.2, 2012, p.70-107.
- NEIBURG, Federico (Org). *Conversas etnográficas haitianas*. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens Edições, 2019.

QUINTERO RIVERA, Mareia. Modos de escucha, imaginarios nacionales y políticas culturales: trayectorias de la investigación musical en Puerto Rico y desafíos ante las políticas del neoliberalismo colonial. *El oído Pensante*, 9(1), 2021. Disponível em <https://doi.org/10.34096/oidopensante.v9n1.8863> Acesso em 10 de jun. de 2021.

REYES, Adelaida. The beneficence and the tyranny of paradigms: Khun, ethnomusicology and migration. In: *Ethnomusicology matters: Influencing social and political realities*. Em: Hemetek, Ursula; Kölbl, Marko; Sağlam, Hande (eds.). Böhlau Verlag GmbH & Co. KG, 2019, p.33-53.

SARDO, Susana. Proud to be a Goan: memórias coloniais, identidades pós coloniais e música. Em: CÔRTE REAL, Maria de São José (org.), *Revista Migrações – Número Temático Música e Migração*, n.7, Lisboa: ACIDI, out. 2010, pp.55-73.

SASSEN, Saskia. Três migrações emergentes: uma mudança histórica. *Sur: Revista Internacional de Direitos Humanos*, v.13, n.23, 2016, p.29-42.

STRINGINI, Daniel. Uma escuta das migrações, músicos haitianos e performances em deslocamento. *FAROL – Revista do Programa de Pós-graduação em Artes*. Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Artes, Vitória: Centro de Artes/UFES, n.24, 2021a, p.139-150.

STRINGINI, Daniel. Experiencing the City from an Immigration-Based Listening: Haitian Community' Sounds in Southern Brazil. *Etnomüzikoloji Dergisi / Ethnomusicology Journal*, Year: 4 • Sayı / Issue: 1, 2021b, p.97-114.